

TRAVAGLIA, Neuza Gonçalves. *Tradução retextualização: a tradução numa perspectiva textual*. Uberlândia: EDUFU, 2003, 239 p.

Geraldo Cintra*

A autora é professora titular de língua francesa do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, dedicando-se em especial à problemática da tradução.

O texto em foco corresponde à sua tese de doutoramento, defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em 1993. Aborda-se o processo de tradução como *retextualização*, isto é, a produção de um novo/mesmo texto que irá interagir dinamicamente com o leitor.

O livro compreende cinco capítulos, precedidos de uma introdução e seguidos de considerações finais, referências bibliográficas e um anexo.

Na *Introdução* a autora expõe seu objetivo: “discutir a atividade de tradução e demonstrar que ao fazê-lo não podemos esquecer que traduzimos textos” (p. 10). Apresenta-se, a seguir, algumas considerações quanto aos procedimentos que adotará em sua exposição e também a relação do título e conteúdo dos cinco capítulos, para uma visão geral da obra.

No capítulo 1, *A problemática do texto*, tomando-se a forma textual como “a forma por excelência de qualquer manifestação lingüística” (p. 15), a autora revê algumas concepções de texto e discurso conforme expressas por renomados autores nacionais e estrangeiros. Ressalta que as condições de produção e recepção textuais não são imutáveis, podendo sofrer alterações no decorrer do processo de comunicação. Em vez da tradicional dicotomia *emissor/receptor*, adota-se o ponto de vis-

* Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo.

ta de Culioli, segundo o qual o que se tem são dois co-enunciadores que interagem dinamicamente, de tal maneira que eventuais falhas de ambos os lados deverão ser interpretadas não como obstáculos ao processo comunicativo, mas sim como decorrentes de um processo de ajuste contínuo com vistas à otimização da comunicação.

O tradutor não traduz simplesmente *discurso* mas sim *um texto*, que se apresenta de determinada forma e assim deve ser interpretado. Ele toma o texto como um ponto de partida, que o guiará na produção de “um outro objeto materializado numa outra língua” (p. 23), dotado de unidade, “diferente de um simples conjunto ou seqüência de frases ou palavras” (p. 24).

A autora considera a textualidade “não como uma condição que existe *a priori* no texto, mas como um tipo de ajuste de uma série de fatores” (que serão analisados no capítulo 3) “levado a efeito tanto pelo produtor do texto na sua intenção de significar, quanto pelo receptor na sua intenção de reconstruir um significado para o texto como tal” (p. 24).

Como cada leitor fará uma leitura diferente, não se trata de “teorizar sobre tradução em termos de transporte de um sentido fixo de uma língua para outra, ou de decodificação” (p. 26), mas sim de *retextualizar*, de *re-enunciar*.

O autor produz um texto único, decorrente de seus conhecimentos, de sua abordagem, de suas escolhas, de sua caracterização do leitor ideal, no momento da criação de sua obra. Esta, por sua vez, será submetida a novas condições de *produção de recepção* e irá interagir com um leitor concreto no momento da leitura, um leitor que tem suas características próprias e que, portanto, irá *produzir* sua leitura tendo o texto como mediador.

Para a autora, o texto é, ao mesmo tempo, objeto materializado e processo, “um conjunto de marcas de operações feitas por um enunciador, como uma unidade de sentido dentro de uma situação concreta, como elemento estável e instável” (p. 30). Dessa concepção de texto decorre a visão da atividade tradutória como um processo de retextualização, de modo que o mesmo/novo texto produzido pelo tradutor gerará efeitos de sentido para os leitores, o que demonstra serem importantes

todos os fatores de textualidade e não somente os códigos lingüísticos envolvidos na tradução.

No capítulo 2, *A problemática da tradução*, a autora relaciona inicialmente doze conceitos de tradução, que “representam, quase sempre, o resumo de toda uma teorização, ou condensam pontos importantes a respeito do desenrolar de um processo que dá como resultado o texto traduzido, a tradução-produto” (p. 36).

A partir dessas definições analisa criticamente o conceito de equivalência, crucial na tradução, como o fizeram diversos autores. Discute a visão da tradução como um processo de transposição de conteúdo, que implica a desvinculação de forma e conteúdo, e que pressupõe um significado estável, fixo, oposto à dinamicidade intrínseca à comunicação. Aborda ainda a questão da praticidade da tradução, que mais do que a decodificação ou explicação de textos, requer a substituição de um universo textual descritivo por outro. Por fim, passa à análise minuciosa de três concepções de tradução: a tradução interpretativa ou do sentido (associada a ESIT - Ecole Supérieure d'Interprètes e de Traducteurs, Université Paris III, Sorbonne Nouvelle), a tradução como produtora de sentido (baseada no trabalho de Rosemary Arrojo) e as propostas de Henri Meschonnic.

No capítulo 3, *A tradução como retextualização*, a autora propõe “uma abordagem da atividade tradutória mais diretamente pelo lado textual” (p. 61). Discute inicialmente o processo de criação de um texto, partindo da intenção comunicativa, à qual se seguem as etapas de planejamento e elaboração do texto e, por fim, a revisão do texto produzido até que este seja considerado satisfatório. Em seguida, discute a tradução como retextualização, processo que envolve “todos os elementos que conferem textualidade a um texto e que foram acionados pelo produtor do texto original, com a diferença de que, manejando uma outra língua, o tradutor estaria de certa forma manejando outros elementos ou até os mesmos elementos sob perspectivas diferentes” (p. 63). Trata-se, por conseguinte, de processo mais abrangente do que uma simples recodificação, por envolver “as condições de produção do texto como uma unidade discursiva de sentido” (p. 64).

Considera, em seguida, as etapas do processo tradutório, conforme propostas de diversos autores, mostrando que podem ser discutíveis sob certos aspectos, não se tratando de etapas isoladas, mas sim interdependentes. Na seqüência, discute a importância dos fatores que determinam a coerência do texto para sua retextualização. Tais fatores envolvem conhecimento do mundo, conhecimento partilhado, referências, focalização, consistência, relevância, informatividade, situacionalidade, fatores pragmáticos envolvidos nas condições de produção, a intencionalidade por parte do autor do texto e a aceitabilidade por parte do leitor. O restante do capítulo é dedicado à análise de cada um desses fatores.

No capítulo 4, *Estilo e tradução*, a autora tece inicialmente algumas considerações sobre o estilo, salientando que o estilo decorre das marcas deixadas pelo autor através das escolhas efetuadas na produção do texto, as quais envolvem a articulação dos seus vários planos. Em seguida, considera as definições de estilo propostas por diversos autores e observa que além das escolhas feitas pelo autor, o estilo envolve também a relação entre essas e outras escolhas possíveis. Considera ainda diversos aspectos da questão estilística para o tradutor, abrangendo a consideração do estilo como escolha da variedade lingüística e como marcas características do autor, os estilos de época, os fatores que condicionam as escolhas do tradutor, as relações entre tradução e estilística. Nas palavras da autora, “é do diálogo do tradutor com o texto original, com a realidade do texto original, com o leitor da tradução e com a realidade da tradução que surge o novo texto carregado das marcas, das escolhas, do *estilo do tradutor*” (p. 136).

No capítulo 5, *A teoria e sua aplicação*, a autora se vale de exemplos para demonstrar a aplicabilidade de sua abordagem da tradução como retextualização, e as implicações dessa abordagem à crítica de tradução e ao ensino de tradução.

Seu primeiro exemplo é o de uma tradução francesa de *A terceira margem do rio*, de Guimarães Rosa, analisando detalhadamente algumas das escolhas feitas pela tradutora. A seguir, considera duas traduções de um texto de Alphonse Daudet, uma portuguesa e outra brasileira, comentando não apenas questões de léxico e de usos característicos, mas tam-

bém se aprofundando em interessante análise do uso dos tempos passado e presente no texto em questão e em suas traduções.

Num novo exemplo, parte do poema *Mea Culpa*, de Prévert, em duas traduções brasileiras, para comentar a diferença entre essas traduções, uma presa a recursos gráficos do texto original e a outra mais centrada no efeito a ser obtido.

Prosseguindo, a autora analisa a tradução para o português, elaborada por ela mesma, de dois textos jornalísticos em francês referentes a um mesmo acontecimento. Essas minuciosas análises constituem excelentes exemplos dos problemas com que se defronta um tradutor no exercício de sua atividade.

No restante do capítulo a autora considera a importância da interpretação como processo de retextualização no ensino da tradução e na crítica de traduções; é algo que não deve se restringir a julgamentos de valor, mas sim de levar em conta outros critérios, tais como o reconhecimento de a tradução ser pertinente e a reinterpretação do conceito de erro.

Nas *Considerações finais*, a autora apresenta um resumo das idéias desenvolvidos em seu livro, destacando que sua abordagem pode sugerir outros rumos para trabalhos sobre tradução.

As *referências bibliográficas* evidenciam a familiaridade da autora com a bibliografia da área, arrolando 182 títulos de obras de autores renomados, dos quais mais de um terço é de autores brasileiros.

O *Anexo* contém os textos analisados no capítulo 5, versões original e tradução.

Tradução retextualização: a tradução numa perspectiva textual constitui valiosa adição à bibliografia sobre tradução, tanto por seu conteúdo teórico quanto pelas interessantes e minuciosas análises de problemas concretos de tradução.